

CENTENÁRIO DE PAULO RÓNAI

Rosalvo do Valle
(UFF, ABRAFIL, LLP)

A Academia Brasileira de Filologia comemorou o centenário de nascimento desse notável humanista húngaro-brasileiro em dois momentos. Homenageou-o na sessão de 14 de abril de 2007 com a palestra “Paulo Rónai, o latinista”, e na VI Semana Nacional de Língua Portuguesa, como patrono do Seminário Sobre Ciências da Linguagem, com intensa programação realizada de 2 a 6 de julho na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Também desta vez o autor destas linhas mereceu a honra de ser o porta-voz de seus colegas acadêmicos, e, num vôo mais ousado, estendeu suas considerações, ao falar sobre “O humanista Paulo Rónai” – agora, para honra ainda maior do orador, com a presença da filha, a jornalista Cora Rónai.

2. Fica-lhe muito bem, ao nosso homenageado, chamá-lo de humanista, termo abonado em português desde o século XVI (bem antes de humanismo, que é do século XIX), para designar “o que é muito versado em humanidades”, “cultor do estudo das belas-letas” (como registra o dicionário de Aulete), ou cultor dos estudos clássicos. Nascentes, sempre atilado etimólogo, lembra a associação que os romanos faziam entre *humanitas* (como traduziram o grego *paidéia*) – “natureza humana, afeição humana, cultura do espírito, polidez” – e a cultura literária (*humaniores litterae*), que tornava o homem mais humano. (1)

O *Novo Dicionário Aurélio*, de que Paulo Rónai foi “colaborador especializado”, registra também em *humanista* o sentido de “partidário do humanismo filosófico”, entendido como “doutrina ou atitude que se situa expressamente numa perspectiva antropocêntrica, em domínios e níveis diversos, assumindo, com maior ou menor radicalismo, as conseqüências daí decorrentes”. (2)

Em qualquer desses sentidos, vejo em Paulo Rónai um autêntico humanista, que nunca esqueceu (ao contrário, sempre pôs em prática) o conhecido *homo sum*, de Terêncio: “Sou homem e nada do que é humano julgo alheio a mim”. Sua vida e sua obra só confirmam nosso juízo sobre esse “homem dos sete instrumentos”, como disse Aurélio Buarque de Holanda Ferreira: “professor, tradutor (sabe umas dez línguas, sem contar as universais), editor literário,

antologista, autor didático (boa porção de obras de francês e latim), crítico, ensaísta, conferencista (que já tem andado pelo Brasil e pelo estrangeiro)... romancista... e teatrólogo” (3, p. 12-13).

3. Paulo Rónai nasceu em Budapeste no dia 13 de abril de 1907. Sofreu os horrores da Primeira Guerra Mundial, de 1914, quando, com os cinco irmãos, teve de suportar por três anos a ausência do pai, convocado para o serviço militar, assumindo a mãe a direção da casa e da pequena livraria. Concluídos os estudos em Budapeste, ganhou uma bolsa do governo francês, passou mais de dois anos em Paris, e freqüentou a Sorbonne, onde começou a estudar Balzac, estudos que o capacitaram para a tese sobre o autor, defendida em 1930 na Universidade de Budapeste.

Em *Como aprendi o português, e outras aventuras*, Rónai fez um interessante registro não só de suas atividades como professor e tradutor, mas também da vida cultural de sua cidade:

Naquela época eu ensinava latim e italiano num ginásio de Budapeste. Uma vez por semana freqüentava um café onde se reuniam meus amigos lingüistas... Só interessados em idiomas exóticos, tinham verdadeira paixão pelas línguas difíceis e desprezavam minhas modestas excursões no domínio neolatino (4, p. 9).

Como tradutor, diz numa entrevista:

Eu traduzia do húngaro em francês para uma revista que se chamava *Nouvelle Revue de Hongrie*. Traduzia também poetas de várias línguas, sobretudo de latim, mas também do francês, do espanhol, e tinha um capricho, que era apresentar a literatura brasileira ao público húngaro. (5)

Seus contatos com o português (que lhe pareceu, de início, fácil demais) estão registrados, cronometricamente, em *Como aprendi o português*. Vale a pena transcrever pelo menos dois parágrafos:

Lembro-me ainda do dia em que o primeiro livro português me veio ter às mãos. Foi uma antologiazinha *As Cem Melhores Poesias Líricas da Língua Portuguesa*, de Carolina Michaëlis. Possuía outras antologias da mesma coleção: a francesa, a italiana, a espanhola. Inferi que devia haver uma portuguesa também, e mandei-a vir da Livraria Perche, de Paris...

O livrinho chegou-me às nove da manhã num dia das férias de Natal. Às dez, já eu tinha descoberto o único dicionário português existente nas livrarias de

Budapeste, o de Luísa Ey, com tradução alemã. Atirei-me então às poesias com sôfrega curiosidade. Às três da tarde, o soneto “Sonho Oriental”, de Antero, estava traduzido em versos húngaros; às cinco, aceito por uma revista, que o publicaria pouco depois (4, p. 10).

Mestre na arte do *savoir-faire*, correspondia-se com muitos escritores, entre os quais Ribeiro Couto, cônsul do Brasil na Holanda, de quem havia traduzido o poema “A Moça da Estaçãozinha Pobre”, que publicou, em 1939, numa antologia da poesia brasileira, intitulada *Mensagem do Brasil*. Diz Paulo Rónai na entrevista referida que a antologia “saiu no primeiro dia da Segunda Guerra”, e acrescenta, com o humor que lhe é característico, um tópico do nosso “Correio da Manhã”:

Enquanto a guerra se aproxima, a cada espaço na Hungria, um maluco de Budapeste está traduzindo poesia brasileira. (5)

Ribeiro Couto, de quem veio a tornar-se amigo (Rónai foi também mestre em fazer amigos), foi providencial na sua vinda para o Brasil, conseguindo-lhe o visto de entrada em sua segunda pátria – não sem antes ter sofrido os horrores de um campo de concentração nazista, prisioneiro seis meses numa ilha do Danúbio. Para o bem de todos nós, Rónai conseguiu fugir:

Quando nos deixaram sair durante o inverno, eu aproveitei a brecha e saí de lá. Deixei a Hungria em 28 de dezembro de 1940. (5)

A vinda para o Brasil merece uma releitura do final de *Como aprendi o Português*, um texto delicioso que eu gostaria de transcrever e que recomendo particularmente ao meu leitor, pela graça com que fala de diferenças entre a pronúncia lusitana e a nossa. (4, p. 14 e 15)

Rónai, afinal, chegou ao Brasil em 3 de março de 1941. Os sete sobreviventes de sua família, inclusive sua mãe, chegaram em 1946, um ano depois de ele ter-se naturalizado brasileiro. Casou-se em 1952 com Nora Tausz, judia italiana, também imigrante, nascida em Fiume, professora, arquiteta e nadadora premiadíssima, aqui e no exterior. Um casamento de quarenta e um anos felicíssimos, como diz Nora Rónai numa entrevista recente, com um marido “o máximo de atencioso, generoso, manso”. Por sua vez, Paulo Rónai diz noutra entrevista: “Nora foi o fato mais importante da minha vida, junto de minhas filhas Cora e Laura”. A primeira, jornalista, e a segunda, flautista, povoaram

com os netos o Sítio Pois é, em Friburgo, RJ, onde, a partir de 1977, o casal foi morar – um lugar quase mítico, visitado por “monstros” e plantado de poemas, de onde Paulo Rónai só saiu quando nos deixou, definitivamente, no primeiro dia de dezembro de 1992.

4. Mas, estávamos dizendo que Rónai chegou ao Brasil no dia 3 de março de 1941. Uns quinze dias depois, deu-se um encontro, na verdade, surpreendente com Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, que secretariava e revisava a Revista do Brasil. Rónai foi levar-lhe um artigo, *Viajantes húngaros no Brasil*, escrito em francês. Aurélio pediu-lhe que voltasse, mas com o artigo traduzido em português.

A tradução foi aprovada, depois de inúmeras correções de Aurélio Buarque de Holanda e de um diálogo que merece transcrição:

Mas esta tradução está horrível. Quem fez? Eu disse que tinha sido eu... Ele, então, perguntou: “Há quanto tempo o senhor está no Brasil?” Respondi: “Há quinze dias” E ele disse: “Ah, então a tradução está magnífica. Vou lhe mostrar o que há de errado”. E aí começou a explicar os meus erros. Assim é que ele abandonou a revisão e começou a conversar comigo. (5)

Mais do que a correção e explicação dos erros, bem como dos acertos para troca de aulas de latim e de português, aí começou uma amizade de quarenta e oito anos (Aurélio morreu em 1989) – “plenos, inteiros, sem lacunas ou fissuras”, como disse o próprio Aurélio, em 1975, do brasileiro Paulo Rónai na 2ª edição de *A Tradução vivida*. “Foi o meu grande amigo, o meu irmão brasileiro”, dirá Paulo Rónai de Aurélio na entrevista de 1991, aqui referida.

5. É impressionante verificar em textos de Rónai publicados a partir de 1943 (dois anos depois!) o pleno domínio da língua portuguesa, não só do léxico e do sistema gramatical, mas de recursos estilísticos, e da apreensão desses recursos em autores tão diversos como Drummond, Guimarães Rosa, Manuel António de Almeida, Lima Barreto, Jorge de Lima, Cecília Meireles, Graciliano Ramos – como comprovam os artigos reunidos em *Encontros com o Brasil*.

Com muitos deles Rónai conviveu – e conviveu fraternalmente –, deixando-nos, além de percucientes apreciações de suas obras, o testemunho incomum de sabedoria nessa difícil arte de conviver com os outros: Aurélio o tem como “amigo perfeíttimo”; Drummond, a quem dedica *Escola de Tradutores*, é padrinho de Laura; Cecília Meireles é madrinha de Cora; Astrogildo Pereira levou-o para conhecer o cenário de *Memórias de um Sargento de Milícias*, que Rónai traduziu em francês; gostava muito de Otto Maria Carpeaux, seu

vizinho; a Guimarães Rosa, a quem deve a entrada de sua família no Brasil, visitava com frequência no Itamaraty; “aos queridos amigos” Dinah Silveira de Queiroz e Dário Castro Alves oferece *A tradução vivida*; a Rachel de Queiroz, *Como aprendi o português, e outras aventuras*; no prefácio de *Pois é* agradece “ao bom amigo Prof. Gilberto Mendonça Teles” o estímulo para a publicação da obra...

Os leitores poderão facilmente colher esses registros de amizade, aos quais acrescentará outros em que o autor não conseguiu conter o ímpeto da cordialidade espontânea que perpassa pelos seus textos. No prefácio de *Pois é* pede aos leitores que não reclamem, “se em alguns trabalhos não encontrarem o distanciamento sentimental tão desejável no ensaio”. Veja, porém, o leitor se é cabível exigir esse distanciamento de um autor que, ao falar de um “tradutor ideal”, Agenor Soares de Moura, que se ocultava com as iniciais C.T. ao assinar, por dois anos, “À margem das Traduções” do Suplemento Literário do *Diário de Notícias* (1944) – veja, leitor, se tem sentido alguma reclamação de um autor, mestre incontestável do assunto, que termina assim o seu texto de 1957, reproduzido em *Encontros com o Brasil*:

A notícia de sua morte colheu-me de improviso. Senti profundamente a sua perda, não obstante a pouca frequência de nossos encontros pessoais. Ao reler, recentemente, esse tratado precioso, que é formado pela coleção dos recortes de “À margem das Traduções”, conservada por seu filho Marcelo Siqueira Soares de Moura, pude medir, em toda a sua extensão, a falta que nos faz essa figura grave e discreta de mineiro, padrão de erudição européia numa casinha de Barbacena (6, p. 227).

6. Mestre na arte da amizade, Rónai não poderia ser outro na arte de ensinar – precisamente aquela para a qual se sente predestinado: “Escritor nas horas vagas, sou professor por vocação e destino”. Convido o leitor para uma releitura dos quatro monólogos de um professor de línguas, na mesma obra: “O latim e o sorriso”, “Francês ou Inglês?”, “Uma geração sem palavras” e “Examinando os nossos exames”. (4, p. 51 a 68). Em cada um, o comentário sábio, a lição erudita sem pedantismo, a observação aguda de deficiências de nosso sistema escolar, a percepção clara da falta de leitura dos alunos... Mas nas críticas, feitas sempre com humor, não falta a contraparte construtiva, revelando o educador que nos dá lições da melhor pedagogia, esquivando-se embora de assumir esse papel, ao dizer, com humildade, que não pretende “dar palpites de metodologia”. Ensinando latim ou ensinando francês, esse professor pre-

destinado sentia-se sempre feliz “no meio dos moços”, o que lhe dava a “ilusão de envelhecer menos rapidamente do que aqueles que passam a vida inteira entre adultos solenes e estereotipados”. Não só por isso, certamente. O que lhe dava esse ar de felicidade era, digamos um tanto pedantemente, seu *amor paedagogicus*, que dispensa tradução. Em Paulo Rónai docência e discência são inseparáveis e se complementam.

7. Para aprendizes de latim Paulo Rónai escreveu os quatro volumes dos *Gradus*, série didática de iniciação em que prioriza os textos, cuidadosamente organizados segundo os programas oficiais. Continua atualíssima esta lição no prefácio da 1ª edição do *Gradus Primus*, de 1943:

Era também minha ambição redigir uma obra rigorosamente metódica, em que a leitura e a gramática sempre andassem juntas. Em cada lição coloquei no primeiro plano o texto que deve servir de ponto de partida a todo o ensinamento. Dos fatos gramaticais observados nesse texto é que parte cada vez a explicação gramatical... Nunca é a gramática um fim em si: é um meio que vem em auxílio dos alunos no momento necessário. (7)

Esse método, porém, não impede que o autor vá iniciando os alunos na leitura dos textos latinos originais, total ou parcialmente, acrescentando-lhes comentários culturais para ingresso na latinidade.

Como latinista, a bibliografia de Paulo Rónai, de nosso conhecimento, inclui o *Dicionário Gramatical Latino* (Editora Globo S.A.), *Não perca o seu latim* (Editora Nova Fronteira); a tradução de um texto de Apuleio, *Amor e Psique* (Civilização Brasileira); artigos, como *L'influence de la langue latine sur la langue et la littérature hongroises*, publicado na revista *Romanitas*; *O latim e o sorriso*, já referido; *Mecenas sem roupagem*, incluído em *Encontros com o Brasil*; prefácios, como *Vale ainda a pena ler a “Eneida”?* reproduzido em *Pois é*; e os muitos e sempre sólidos comentários a traduções de clássicos latinos, feitas em várias línguas, alguns dos quais se podem ler em *A tradução vivida*. Chamo atenção para as onze traduções de apenas três versos da *Eneida* (IV, 90-92), escolhidos ao acaso, e para as finas anotações de um mestre que sabia a língua original e sabia as línguas dos tradutores (inglês, francês, italiano, espanhol, alemão e português).

8. Admirável em Paulo Rónai a capacidade de conviver com as diferenças – o que do ponto de vista lingüístico creio que se pode aplicar à compreensão, sem preconceitos, das variedades de uma língua. Refiro-me ao fato de que esse leitor dos clássicos latinos – deslumbrado com Virgílio, em cujos versos sentia

“um prazer quase sensual”, apaixonado por Horácio e pelos poetas do amor (Catulo, Tibulo, Propércio, Ovídio) – esse *homo cordialis* (*cordialis* não é clássico, mas se aplica muito bem a Paulo Rónai) soube apreciar com igual sensibilidade os *Carmina Drummondiana*, cinqüenta e dois poemas de Drummond traduzidos em latim por Silva Bélkior, seguro latinista, filólogo, tradutor, crítico textual e grande estudioso da latinidade brasileira. O texto que transcrevo é da carta que Rónai escreveu a Silva Bélkior em 1978, e está na obra citada:

Trata-se de trabalho de extraordinário virtuosismo, que demonstra ao mesmo tempo conhecimento invulgar da língua latina e extraordinária sensibilidade literária. Achei deveras notável que o Senhor também tenha optado pelo latim decadente, com sua riqueza bizantina e suas expressivas corruptelas. Aprendi, aliás, em suas traduções muitos termos e modismos que não conhecia. (8)

9. Na área de francês, Paulo Rónai foi catedrático do Colégio Pedro II, tendo apresentado a tese *Um romance de Balzac: A pele de Onagro* (1952), e lecionou em colégios particulares. Como sempre associou aulas e publicações, é autor ou co-autor de séries didáticas de língua e literatura para o ensino médio da época. Além disso, publicou outros trabalhos: *Dicionário essencial francês-português e português-francês*; *Dicionário francês-português* (ambos da Nova Fronteira); *Guia Prático da tradução francesa, Gramática completa do francês moderno* (J. Ozon Editor); *Introdução à Língua Francesa* (no vol. VI da *Enciclopédia Delta Larousse*); *Os verbos franceses ao alcance de todos* (Editora Didática. Irradiante).

Não é fora de propósito registrar que pelo sólido conhecimento do francês e pelas relações culturais com a França, Paulo Rónai foi convidado pelo Prof. Jean Rose, Delegado-Geral da Aliança Francesa no Brasil, a fazer conferências sobre tradução no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, em 1975 – conferências de que surgiu *A tradução vivida*.

10. Quanto ao tradutor, é Paulo Rónai considerado pelos especialistas como um mestre, não só da teoria da tradução, como da prática de bem traduzir. Na verdade, é um saber só de experiências feito, um saber que vem de longe e carrega um traço cultural húngaro que aprendemos com o próprio Rónai, em *Escola de Tradutores*:

Nasci num pequeno país colocado no âmago da Europa, no cruzamento das mais variadas correntes espirituais, mas de idioma completamente isolado. Preocupados com a sua integração espiritual na comunidade européia, os intelectuais de todas as épocas não somente estudavam línguas, mas se empenhavam em traduzir as

obras-primas das literaturas estrangeiras. A bagagem poética dos maiores poetas magiares sempre inclui traduções... Na Hungria, as traduções eram sempre comentadas e discutidas, pelo menos tanto quanto as obras originais. (9, p. 29).

Rónai é um esplêndido exemplo dessa tradição cultural. Traduzindo de várias línguas, revendo traduções ou enriquecendo-as com notas e comentários, como fez com os dezessete volumes de *A Comédia Humana* (segundo Aurélio Buarque de Holanda foram mais de doze mil anotações) – Paulo Rónai pôs em prática a fundamentação teórica que se lê, por exemplo, em *Escola de Tradutores e A Tradução Vivida*.

A importância desse aspecto de sua obra não passou despercebida dos meios universitários, e tem motivado trabalhos de pós-graduação, como a tese de doutorado de Marileide Dias Esqueda, *O tradutor Paulo Rónai – o desejo da tradução e do traduzir*. A autora, cuja motivação inicial foram “algumas das notas de rodapé de Paulo Rónai na tradução para a língua portuguesa da obra *A Comédia Humana* de Balzac”, inicia sua tese com esta afirmação consagrada: “Nada do que pensamos hoje sobre a tradução no Brasil seria possível sem as intervenções anteriores de Rónai. Construir esta tese, portanto, é reconhecer que não se pode negar a assinatura de Rónai. Revisitemos um clássico. Estudemos tradução no Brasil a partir do que nos fala Rónai”. (10, p. 5)

11. Professor, tradutor, ensaísta, crítico literário, editor... Paulo Rónai, como disse Gilberto Mendonça Teles, é bem o homem que “realmente *saber* e transformar em metalinguagem a sua experiência de leitor culto”. (11) No Sítio *Pois é* – um autêntico *locus amoenus* da tradição clássica e medieval, a julgar pelo lindo poema de Gilberto Mendonça Teles *Pois é* publicado em *A Hora Aberta* – organizou sua última seleção de ensaios, sempre tão agudos, tão agradáveis de ler, tão cheios daquela verdadeira sabedoria que eu aprendi com Alceu Amoroso Lima, mestre inesquecível, ser a sabedoria do coração. No caso de Paulo Rónai, isso tem pleno sentido, quando lembramos que para os antigos o coração era considerado a sede das idéias, pensamentos e volições. E os autores cristãos enriqueceram o campo semântico de cor, cordis, coração, entendendo-o como *anima, animus, mens, ratio, intellectus*, etc.

Sempre que releio Paulo Rónai vem-me à lembrança aquele trecho de uma epístola de Horácio (1,11,27), transcrita em *Não perca o seu latim: Caelum, non animum, mutant qui trans mare currunt*, “*Mudam de céus, não de espírito, os que transpõem o mar.*” (12)

Na Hungria, como no Brasil, o nosso Paulo Rónai, que nos chegou de navio, revela sempre o mesmo *animus*, quer dizer, o mesmo espírito, o mesmo

coração, a mesma inteligência – rica sinoníma que se aplica tanto ao texto horaciano, quanto a Paulo Rónai, cujo centenário de nascimento a cultura e a latinidade brasileiras festejam com imenso júbilo.

Rio de Janeiro, 11/7/2007.

Referências

- (1) NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, 1932.
- (2) FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 1ª edição (2ª impressão), Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1975.
- (3) RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*, 2ª edição, revista e ampliada, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1981.
- (4) _____. *Como aprendi o português, e outras aventuras*, Segunda edição, revista, Editora Artenova S.A., Rio de Janeiro, 1975.
- (5) *Faz 50 anos que o Tradutor e Ensaísta chegou ao Brasil – Paulo Rónai*. Entrevista com Nelson Ascher e Alcino Leite Neto, publicada na Folha de São Paulo em 27/4/1991.
- (6) RÓNAI, Paulo. *Encontros com o Brasil*, Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1958.
- (7) _____. Prefácio reproduzido em *Curso Básico de Latim - I - Gradus primus*, Editora Cultrix, São Paulo, 1980.
- (8) BÉLKIOR, Silva e ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carmina Drummondiana*, Editora Universidade de Brasília, Salamandra, 1982, p. 142.
- (9) RÓNAI, Paulo. *Escola de Tradutores – Cadernos de Cultura – Ministério da Educação e Saúde - Serviço de Documentação*
- (10) ESQUEDA, Marileide Dias. *O tradutor Paulo Rónai – o desejo da tradução e do traduzir*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, SP, 2004.
- (11) RÓNAI, Paulo. *Pois é*, Ensaios, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1990
- (12) _____. *Não perca o seu latim*, 2ª edição, revista e ampliada, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1980, p. 37.